

# ILUSTRAÇÃO POPULAR

CHRONICA SEMANAL  
 REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS  
 PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO  
 CORRESPONDENCIA Á LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA  
 PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS  
 PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1.000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 2 DE OUTUBRO DE 1884 NUMERO 14

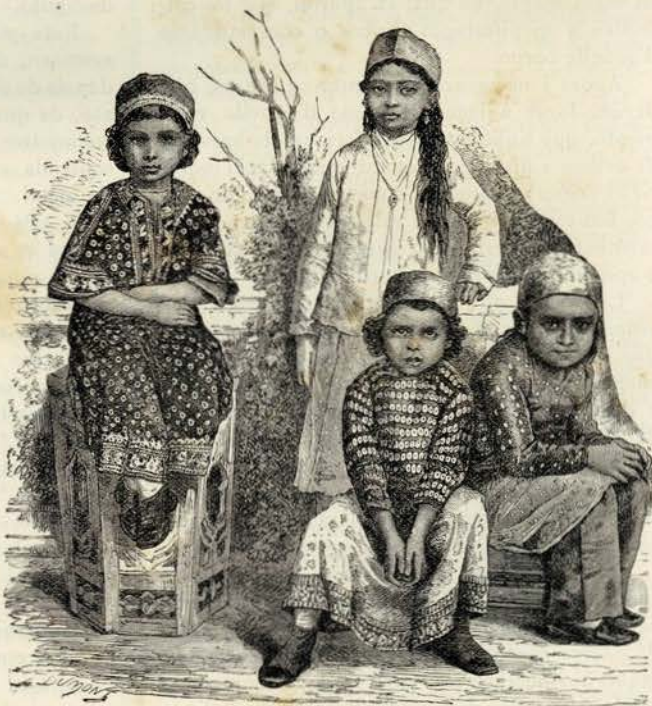
## CHRONICA DA SEMANA

SUMMARIO: — A insubordinação de lanceiros da rainha e o sr. ministro da guerra — Um vampiro — A substituição do laboratório chimico da camara municipal de Lisboa pela Empreza Val do Rio

A IMPRENSA diária deu conta de uma manifestação collectiva do corpo de lanceiros n.º 2, na occasião em que ia começar, na parada, um exercicio de lança, ordenado, como castigo, ás praças do mesmo corpo, que na noite antecedente tinham sahido do quartel sem licença do commandante.

O facto era de tal gravidade, que exigia do respectivo ministro uma reprimenda severa, não só para correcção dos discolos, como para exemplo dos outros corpos.

Effectivamente assim o comprehendeu o sr. Fontes Pereira de Mello e, por uma portaria, foi dissolvido o mesmo corpo, mandando-se distribuir as suas praças por differentes regimentos da provincia e proceder immediatamente á organização de outro corpo de cavallaria, com a mesma denominação de Lanceiros da Rainha.



MENINOS INDIANOS DE BOMBAIM

A resolução do nobre ministro da guerra foi geralmente applaudida, porque a gravidade do

caso reclamava uma medida energica, prompta e decisiva, aliás era de receiar que os factos se repetissem e o funesto exemplo fosse imitado e o exercito, em vez de um elemento de ordem, se tornasse em fermento de anarchia.

Completamente alheios ás paixões politicas, sem dependencias partidarias, sem compromissos de qualidade alguma com os partidos militantes e com affeições pessoaes por muitos homens n'elles filiados, vemos os factos á luz serena da imparcialidade e por isso os julgamos, como elles são, sem o exagero nem a diminuição da lente das paixões partidarias.

O procedimento do ministro da guerra, na conjunctura actual, foi nobre, foi digno e foi louvavel. Mas affigura-se-nos, que a dissolução do corpo não é sufficiente para contentar a attenção geral, preza áquelle facto, que sobresaltou a consciencia publica.

A dissolução do corpo foi um castigo, foi uma pena, foi a correcção da falta de disciplina, e essa reprimenda foi decretada depois de um auto de investigação, no qual se apurou, que foi collectiva a manifestação contra o commandante d'aquelle corpo.

Agora é necessario averiguar as causas, que deram logar á insubordinação d'aquelle regimento, que tinha tradições gloriosas de bravura, de ordem e disciplina: agora é necessario inquirir as razões pelas quaes o commandante do corpo, um militar brioso e valente, perdeu em um momento o prestigio, a ponto de ser assobiado e apupado pelos seus subordinados.

Longe de nós o querer macular, com uma suspeita sequer, o character do venerando militar, que soffreu aquella desconsideração. Não pômos suspeições a pessoa alguma; apreciamos o facto e desejamos que a sua causa se ponha em evidencia, para se pedir a responsabilidade d'ella a quem competir e poder evitar-se que se repita, porque as suas consequencias são perniciosas, são deleterias, são um perigo para as instituições, para a ordem publica e para a paz da nação.

Da integridade de character, da illustrada competencia, do profundo saber e das indiscutiveis qualidades governativas do actual ministro da guerra devemos esperar as providencias e os inqueritos necessarios, para se poder apreciar o motivo, que deu logar áquelle acto de indisciplina, tão grave, que mereceu uma correcção tão rigorosa.

×

Os paes e as mães estão sob a pressão do

doloroso receio, que lhes causou a noticia, espalhada por todos os jornaes de Lisboa, de que fôra preso um homem, que se alimentava de sangue de creanças.

Foi geral o panico e geral a indignação!

O *vampiro* tomou na imaginação popular as proporções de um monstro de fabula e cada qual o pintava a seu talante, uns com cara de jesuita, outros com aspecto de feiticeiro, outros com physionomia de bandido e alguns com as linhas caracteristicas dos grandes criminosos.

Averiguado o caso, o *vampiro* era um homem como outro qualquer, physicamente, mas, moralmente, menos do que qualquer outro, porque era um monomaniaco, um desgraçado, um ser sem consciencia e sem o discernimento necessario para comprehender o crime que praticava.

O caso deu, porém, logar a engraçadissimos episodios, a diversas narrações, mais ou menos romanticas, e até a um protesto do sr. L. A. Palmerim, como director do Conservatorio de Lisboa, do qual o preso declarou que tinha sido discipulo.

Este protesto é o documento official mais gracioso, de que temos conhecimento, porque, depois de differentes corollarios, é tirada a conclusão, de que um tocador de violoncello não pôde commetter um crime e os criminosos só podem sahir da classe dos tocadores de instrumentos de metal.

E está o governo a confeccionar leis penaes contra os assassinos, contra os homicidas, contra os amotinadores, contra os ladrões e contra todos os criminosos, podendo resumir essa legislação no seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º É obrigatorio o curso de violoncello, no conservatorio de Lisboa, regido pelo professor F..., etc.

Art. 2.º É prohibido o estudo de instrumentos de metal.

Art. 3.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

A declaração do sr. Palmeirim tem realmente graça e não offende!

×

O municipio de Lisboa ou o senado lisboense, como sõe dizer-se em phrase mais guindada, tem ideias, algumas das quaes aproveitaveis.

Uma d'ellas foi o estabelecimento de um laboratorio para analyse das substancias alimenticias, algumas das quaes são expostas ao consumo publico, com pouco escrupulo da parte

dos vendedores, porque são tão nocivas à saúde, que do seu uso resultam gravíssimas doenças.

Os vinhos e os azeites, por exemplo, vendem-se por ahí tão adulterados, que não é raro ocasionarem sérias alterações na saúde dos consumidores.

Para obviar a esse gravíssimo mal a illustração de Lisboa teve a ideia de montar um laboratorio; e a ideia foi apresentada em sessão camararia, discutida e ventilada, resolvendo-se, afinal, incluir no orçamento a verba necessaria para essa despeza.

Ora, antes que podésse realisar-se, attentas as formalidades burocraticas, que são necessarias em repartições d'aquella cathegoria, havia tempo de morrer envenenada metade da população de Lisboa; e houve um homem intelligente, rico, emprehendedor e arrojado, que tomou a iniciativa de substituir o laboratorio por grandes depositos de vinhos e azeites, puros, genuinos e garantidos, que seriam vendidos por grosso ou a retalho, por preços inferiores aos dos adulterados, que tinham livre pratica no mercado.

Ter a ideia e realisar-a foram dois actos, quasi que simultaneos, porque immediatamente appareceram os productos, os annuncios e os meios faceis e commodos de se fazerem as encomendas, que são rapidamente satisfeitas.

A empresa Val do Rio realiso, pois, um grande melhoramento e satisfez uma imperiosa necessidade publica.

Agora não é necessario o laboratorio municipal para analyse de vinhos e azeites. É compral-os nos depositos d'aquella empresa e ter a certeza, de que se usa azeite e vinho de uma pureza indiscutivel, de um preço economico e de um sabor delicioso.

Fazendo estas considerações, não temos em vista fazer um reclame, porque não carece d'elle quem soube conquistar a confiança publica, porque, hoje, poucas familias ha, que não surtam a sua dispensa e a sua garrafeira dos armazens — Val do Rio Junior — onde se encontra sempre a pontualidade commercial, que é divisa dos grandes commerciantes.

Nós temos, apenas, em vista ser uteis aos nossos leitores, aconselhando-lhes que procurem a prova do que asseveramos, comprando n'aquelles estabelecimentos, os primeiros da capital, e pôde dizer-se que os unicos no paiz, tal é a importancia commercial que representam.

## DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa um grupo de meninos indianos.

A India divide-se em trez zonas bem distinctas — a bacia do Indus — a bacia do Ganges — e o planalto de Decan, que abraça toda a India Central.

O Decan é a India conhecida dos europeus, e por isso temos d'ella noticias exactas.

Os indios d'esta região approximam-se da raça aryana (caucasica) pelo oval da cabeça, pela configuração do craneo e pelo angulo facial; mas parecem affastar-se d'ella pela côr. O corpo é pouco robusto. O homem das castas inferiores é magro e enfezado, o que lhe falta, porém, em força sobra-lhe em agilidade. A côr da pelle varia entre o trigueiro acobreado e a côr quasi preta; o cabello é corredio e negro barba e a espessa e abundante.

Tímido e affavel, ao indio nem falta perseverança nem firmeza e é dotado de uma comprehensão facil. Dois jugos pezam sobre elle desde datas immemoriaes — o da casta e o da dominação estrangeira — e devido a isso o character indigena tornou-se flexivel, tendo mais prudencia e astucia do que energia, mais ardil do que nobreza. A Inglaterra tem na India vastas colonias e as relações com a metropole têm modificado, sensivelmente, os costumes primitivos. A nossa gravura representa umas creanças de Bombain, que mais parecem europeias, do que indianas.

×

A nossa segunda gravura representa uma caçada aos bufalos, feita pelos indios Comanches.

Estes indios, povo grande e valoroso, divide-se em trez tribus, que percorrem em todos os sentidos as vastas planicies d'aquella região, e não poderiam viver fóra das suas verdes savannas.

Os do norte e os do centro perseguem constantemente as grandes manadas de bufalos. A carne d'estes animaes é quasi exclusivamente o seu unico alimento. Desde a mais tenra infancia, até á mais avançada velhice, montam a cavallo.

O Comanche, com umas rédeas grosseiras e com um chicote, dirige um cavallo com tal destreza que se torna o mais agil e o mais independente dos homens.

Galopam aos milhares nas campinas e dirigem com maravilhosa certeza as suas flechas e as lanças contra o alvo, que se propõem tocar.

Têm orgulho em ser ladrões. Atacam as feitorias dos brancos e levam-os prisioneiros, homens, mulheres, creanças e gado.

As caçadas aos bufalos, apesar dos perigos que offerecem, são exercicios quotidianos para aquella intrepida gente, que se não arreceia do

risco, nem teme as investidas dos bravos animaes.

×

A nossa terceira gravura representa uma africana moendo pão.

Os negros impõem duros trabalhos à mu-



CAÇADA AOS BUFALOS FEITA PELOS INDIOS COMANCHES

lher, porque a consideram, apenas, como uma machina de trabalho, como um ser condemnado aos labores da existencia, sem outro objectivo que não seja utilizar-lhes as forças em proveito das necessidades do sexo forte.

Os mais peniveis trabalhos são feitos por ellas. O amanho das terras, o fabrico dos productos agricolas, finalmente, as mais pezadas occupações são-lhes destinadas.

Diz-se, e talvez com razão, que a antiga escravidão era para ellas um beneficio, porque tornando-as escravas de um senhor, apenas mudavam de oppressores.

A moagem do pão é uma das suas lides mais ingratas e custosas.

O cereal é collocado em uma pedra, concava no centro, onde é triturado com um calhau re-

dondo. A farinha escorrega pelo declive da pedra e cahe em uma esteira.

Deixamos ao leitor imaginar o rigor d'este trabalho, e avaliar as bagas de suor que custa áquellas desgraçadas cada punhado de farinha, e calcular por isso o atraso, em que vive aquella gente, que desconhece completamente os mais rudimentares processos de utilizar o vento e a agua na moagem dos cereaes.

×

A ultima gravura representa um bonzo.

Os bonzos são os sacerdotes do culto de Boudha e são geralmente considerados e respeitadas.

O povo chinês não é, no fundo, muito religioso, mas tem veneração e deferencia pelos sacerdotes do culto, os quaes usam nos actos re-

ligiosos vestes pomposas e de inestimável riqueza.

O Bouddhismo é a religião do estado, religião grosseira e ridícula, que nem cria fanaticos, nem consegue fazer crentes.

Os bonzos intretêm aquella indiferença e conservam as tradições religiosas, contentando-se em manter o prestigio, que sempre teve entre o povo a sua classe.

## CARTEIRA UTIL

ASPHYXIA POR FALTA OU POR VICIAÇÃO DO AR

**P**ARA dar ao sangue as propriedades indispensáveis à conservação da vida, o ar deve penetrar em quantidade sufficiente nos pulmões e sempre em tal estado de pureza, que não possa introduzir na economia elemento algum



AFRICANA MOENDO GRÃO

pernicioso ou susceptível de perturbar o perfeito funcionamento dos órgãos respiratorios.

Infelizmente, por indiferença ou por necessidade, todos, mais ou menos, commetemos diariamente a este respeito gravissimas faltas de hygiene, ou fechando-nos em casas pouco espaciaes, ou deixando de ventilar-as, ou demorando-nos em logares de reunião, onde o ar é rapidamente viciado pelas exhalações humanas ou pela combustão do gaz.

A viciação do ar provoca a asphyxia; mas é util, sob o ponto de vista clinico, distinguir a simples falta de ar, da asphyxia carbonica ou da asphyxia pestilencial.

Nas grandes cidades estrangeiras, a policia

oppõe-se, por severos regulamentos, ao arrendamento das habitações insalubres.

Infelizmente, entre nós, não acontece assim e a essa incuria se deve de certo a genese de muitas doenças, que avultam nas nossas estatisticas demographicas.

Muitas familias pobres abafam debaixo dos tectos das sobrelojas ou dos sub-solos das casas, que habitam, e onde o ar se não renova por defeito de ventilação, a que deviam ser obrigados os proprietarios.

Quando a asphyxia se produz n'estas condições, é provocada pela dupla causa da falta e da viciação do ar.

O frio intenso pôde tambem paralisar os mus-

*José J. Perestrello.*

culos inspiradores, o calor soffocante, aquecendo a athmosphera pôde tambem occasionar a asphyxia, e então é só a rarefacção do ar, que occasiona as perturbações características da hematose.

A asphyxia carbonica é produzida pelo desenvolvimento, na proporção de 10 a 20 0/0, do acido carbonico.

É o meio de que se servem os suicidas ignorantes, porque mal sabem os desgraçados que a sua agonia é, quasi sempre, precedida de horribéis padecimentos.

A sciencia demonstra esta verdade de uma maneira irrecusavel.

A maior parte das asphyxias accidentaes podem ser evitadas pelas mais elementares medidas de prudencia e de hygiene; porém, quando o accidente se produz, não ha meio mais efficaç do que expôr o doente a uma corrente de ar puro e recorrer immediatamente à insuflação e à respiração artificial.

Não devemos ter acanhamento de lançar mão de um folle qualquer e com a ajuda d'elle injectar nos pulmões, gradualmente e imitando o jogo da respiração, o ar necessario para restabelecer as funcções uniformes dos phenomenos respiratorios.

Conjurado o perigo, é vantajoso administrar ao doente uma poção antiséptica e cordeal, composta de algumas gottas d'ether, hortelã ou alcool thymico, em meio copo de agua assucarada.



## ALBUM

### AMOR ?!

Amar em soffrimento se resume  
A trôco d'uns instantes d'alegria;  
Amar é ter nos labios sempre o dia,  
No coração a noite do ciúme.

Amar! o que é amar? quem n'ò presume?  
Nem mesmo sei se o amor, essa harmonia,  
É prazer prolongado, que extasia,  
Ou nuvem que perpassa ou vagalume.

Amor! define-o tu, sociedade!  
Acaso amor será sensualidade,  
Beijar virgineos collos de alabastro?

Dulcissima mulher, ó minha flor!  
Saberás tambem tu o que é amor,  
Quando os cabellos d'ouro te desnastro?

MANOEL FLORES.



## MINIATURAS

### ARCHIMEDES

**O** HOMEM não cria coisa alguma: acha, descobre. As riquezas todas da natureza lhe foram dadas, a fim de que as accommodasse em sua utilidade, investigando-lhes as propriedades. Rigorosamente fallando, *descobrir* e *inventar* não significam a mesma coisa.

O que se descobre já existia (descobre-se uma ilha, um planeta, um veio de marmore, etc.), ao passo que a *invenção* é, quasi sempre, o resultado da combinação de elementos materiaes, que se acham dispersos na natureza e que, de qualquer modo, se reúnem para um certo effeito; assim é, que, misturando nitro, enxofre e carvão, se *inventou* a polvora.

Archimedes é um dos homens mais celebres e ao qual a humanidade é devedora de invenções e descobrimentos.

O famoso geometra, de Syracusa, descobriu o equilibrio dos corpos fluctuantes, e foi quem primeiramente deu a conhecer a relação da circumferencia com o diametro ( $\frac{7}{22}$ ) que os calculos modernos aperfeiçoaram. A mufla (vaso chimico), o parafuso, a rosca, pela qual a agua ascende com seu proprio pezo, a roldana movel, e o *cric* (machina de levantar pesos) devem-se a Archimedes.

O espelho ustorio, que já era, antes d'elle, conhecido, foi aperfeiçoado por elle a ponto de esbrazear a frota dos romanos, no porto de Syracusa.

Villa do Conde.

M. FLORES.



## REVISTA DOS THEATROS

**O** COLYSEU DOS RECREIOS conseguiu chamar a concorrência aos seus espectaculos com a exhibição dos leões e dos elephantes amestrados.

O publico tem predilecção por este genero de divertimentos e gosta das commoções e enthusiasma-se com as provas de coragem dos domadores.

O grupo de leões, apresentado pelo domador Ed. Deyerling, é notavel pela corpolencia das feras e pela docilidade, com que obedecem ao domador, um preto sympathico, educado e artista.

Mas, francamente, nós gostavamos mais de ver

o Seeth, que entrava na jaula impondo-se á ferocidade dos seus discipulos, que lhe obedeciam rosnando e que manifestavam sempre a sua indole indomita e carniceira.

Mr. Deyerling tem uns leões educados, submissos e doces, que não sabem o que é reagir e que perderam completamente o brio selvagem, que distingue os animaes da sua especie.

Os leões do Seeth eram ferozes; e submettiam-se, porque se arreceiavam da coragem e do sangue frio d'aquelle elegante rapaz, que tinha musculos d'aço e um olhar incisivo e brilhante como a lamina de uma espada de Toledo.

Com isto não queremos desprestigiar o domador africano, que é um verdadeiro artista e que tem o raro merecimento de saber domesticar animaes ferozes, a ponto de fazer d'elles uns artistas doces e inteligentes.

No theatro dos Recreios continuam os triumphos da Pepa, uma gentilissima actriz que conta os espectaculos pelas ovações.

Salvador Marques deve estar contente com a companhia, que lhe dá casas cheias e que cahiu na graça do publico, porque todas as noites é tal a aglomeração de pessoas ao postigo do bilheteiro, que é difficil encontrar ensejo de adquirir uma senha.

Folgamos com isso, porque é digno da protecção do publico o sympathico empresario d'aquella casa de espectaculos.

A *Judic* é o assumpto palpitante em todos os cavacos theatraes.

Ha uma verdadeira anciedade pela sua chegada e parece-nos que o maior numero, dos que desejam admirar a celebre actriz, não logrará a realisação d'esse *desideratum*, porque cinco recitas são insufficientes para todos poderem obter um logar.

Nós acreditamos no merecimento artistico d'aquella celebridade parisiense e desejaríamos tambem poder admirar os recursos de arte, de que dispõe a afamada actriz, mas não levamos tão longe o nosso desgosto, se o não conseguirmos, que deixemos de ir a D. Maria, onde a arte tambem tem celebridades e onde a interpretação das peças, postas em scena, é tão correcta, que se sãe d'alli plenamente satisfeito.

Aos que não poderem vêr a *Judic* aconselhamos-lhes, como correctivo do seu pezar, as recitas do theatro normal e desde já affiançamos que sahirão d'alli consolados, porque admirarão o grau de perfeição, que attingiu, entre nós, a arte nacional.

No firmamento da arte são astros de primeira grandeza Virginia, Roza Damasceno, os Rozas, Brazão, Antonio Pedro e os outros artistas, que fazem parte da companhia de D. Maria.

Alli não ha gradações. Cada qual, no papel de que se incumbem, é consciencioso e tão correcto, que o *ensemble* é, por esse facto, admiravel e perfeito.

Ainda não fomos ao Gymnasio assistir á representação das comedias, que alli têm sido levadas com geral agrado dos espectadores.

Reservamos-nos, portanto, para dar conta das nossas impressões, quando assistirmos a algum dos seus espectaculos.

A época taumachica findou com a ultima corrida de domingo passado.

Não fechou com chave de ouro, porque o curro era desigual e alguns dos bois matreiros e perfeitos conhecedores da praça.

Parece que se approxima a completa decadencia d'aquelles espectaculos, não por falta de artistas, que os ha notaveis, mas por falta de gado, pois não vimos, este anno, um curro completo, a que podêsse chamar-se puro e bravo.

Até a praça está a pedir que acabem com taes diversões, tal é o estado de ruina e de miseria, a que se acha reduzida.

Os tempos não vão prosperos para uns certos divertimentos. O espirito moderno está tendo outra orientação e isso é mais para louvar do que para merecer censuras.

A velha praça tem os seus dias contados. Aquillo está prestes a desabar, oxalá que a queda não fique memoravel por alguma catastrophe.



## POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

Decididamente, Williams,—disse o capitão de estado maior, apertando a mão do seu amigo—decididamente o sr. está sob uma impressão extraordinaria. Nunca o vi assim!

—Meu caro Roberto—interrompeu Williams, sem responder á observação do seu amigo—o sr. tinha-me dito que estava livre esta noite e eu vou aproveitar essa declaração em proveito proprio. Cearemos em minha casa e em seguida conversaremos. Está por isso?

—Com o maior prazer.

## VII

## O spleen

O palacio de sir Williams, situado no alto do *faubourg* de Saint-Honoré, era um vasto edificio de architectura moderna, com apparencias de vivenda principesca.

Era precedido d'um vasto pateo, no centro do qual se elevava uma elegante columnata, que despejava torrentes d'agua em uma ampla taça de marmore branco.

À direita e à esquerda ficavam os quartos dos criados, as cavallariças e as cocheiras.

Grande amator de cavallos e mesmo conhecedor emerito, sir Williams tinha dado ordem ao seu architecto para não fazer economias n'estas dependencias do palacio. Os cavallos tinham, portanto, uma residencia esplendida e um batalhão de criados para tratá-los. Ao fundo do pateo ele-



BONZO

vava-se o palacio, cuja fachada posterior dava para um jardim de inverno.

(Continúa).

## EXPEDIENTE

Recebemos e agradecemos os primorosos artigos e bellas poesias, que nos mandou o nosso collaborador, de Villa do Conde, Manoel Flores.

Deixamos aos nossos leitores a apreciação das formosas composições do illustre escriptor, composições que, na nossa humilde opinião, valem muito e são esperançosas premissas de um talento, que desabrocha rico de seiva e dourado pelo sol da inspiração.

Se estas declarações são necessarias ao moço poeta para continuar a dar-aos o prazer da sua collaboração, ahí ficam e

são tão sinceras, como foi sempre sincero o affecto, que uniu a sua à nossa familia.

Ao eximio charadista Carmo e Sousa, a quem o auctor offerece, como premio, o Almanach do Trinta, 1.º anno, se decifrar a presente charada, no praso de oito dias.

Farto já d'alli viver  
Occupei nova morada — 2  
Onde tinha pr'a comer  
Um peixe de caldeirada — 2.

Farto já d'alli viver,  
Transportei minha bagagem,  
Mas espero enriquecer  
Occupando esta paragem.

A. DENIZ CAVALLEIRO.

## PASSATEMPO

## ENIGMA PROVERBIO

A	D	M	E	F	D	C	S	A	P	A	M
2	1	2	1	2	1	1	1	3	2	1	1

CARMO E SOUSA.

## CHARADAS

Oh! que acção tão cruel  
Esta mulher praticou! — 1  
— Por um instinto de fel  
Um animal degolou! — 2

Mas um crime tão atroz  
Teve uma pena bem dura  
— Que é correr até á foz  
E de lá pr'a sepultura.

Explicação do passatempo do numero antecedente:  
Enigma, *Ataia*.  
Logogripho, *Amelia*.  
Charada, *Bandoleiro*.  
Charadas novissimas — *Maroma, Claraboia*.

Typ. da Empresa Litteraria Luso-Brazileira — Lisboa

5 — PATEO DO ALJUBE — 5